**ENSINO DAS TEMÁTICAS DE MATRIZ AFRICANA**

**NO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS INICIAIS – NA CIDADE DE AGRESTINA/ PE**

**JOSÉ ELOI NASCIMENTO DOS SANTOS**

Graduando em Pedagogia – UFPE – [eloijus@gmail.com](mailto:eloijus@gmail.com)

**RESUMO:**

Este trabalho é resultado de uma pesquisa pedagógica realizada para a disciplina de Pesquisa e Prática Pedagógica I, do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – CAA. Neste trabalho, realizado em uma escola municipal situada no município de Agrestina, no agreste do estado de Pernambuco, abordo a temática ‘matriz africana na escola’ relacionando-a com a vivência diária dos alunos, professor, gestão da escola, analisando os fatores que influenciam intimamente o processo de ensino e aprendizagem. Nossa pesquisa é do tipo etnográfica e o objetivo geral foi conhecer como as temáticas de Matriz Africana tem sido trabalhada no Ensino Fundamental (anos iniciais), na cidade de Agrestina/ PE. No primeiro tópico trabalhamos a concepção de ensino; no segundo tópico tratamos das resistências do povo de matriz africana no Brasil; no terceiro tópico trazemos o quanto é importante que os estudantes tenham contato com outras formas de culturas, sobretudo nos anos iniciais de formação. Em seguida trazemos um panorama da escola que nos serviu como campo de pesquisa e por fim tratamos de nossa experiência com a pesquisa realizada e trazemos nossas considerações finais. O estudo aqui proposto chegou à conclusão que na maioria das vezes o discurso não corresponde com a práxis, tendo o professor o papel importante que é trabalhar com o estudante a quebra de tabus e preconceitos, porém muitos nutrem dentro de si ressalvas quanto as temáticas de matriz africana.

**PALAVRAS CHAVES:** Matriz africana. Ensino. Cultura Afrodescendente.

**INTRODUÇÃO**

Os europeus chegaram oficialmente ao Brasil no ano de 1500 d.C., com o advento da expansão marítima. Por volta de trinta anos depois houve o início da grande mercantilização de homens que foram trazidos de partes do continente Africano para serem escravizados em nosso país. Este fator de suma importância a ser considerado em nossa formação histórico-social figura como ponto de partida em muitos dos eventos que aconteceram e acontecem até os dias atuais, também e principalmente na educação.

Neste trabalho, realizado em uma escola municipal situada no município de Agrestina, no agreste do estado de Pernambuco, abordo a temática ‘matriz africana na escola’ relacionando-a com a vivência diária dos alunos, professor, gestão da escola, analisando os fatores que influenciam intimamente o processo de ensino e aprendizagem, e as causas que a presença ou a falta deles interferem na formação do estudante de ensino fundamental.

A pesquisa que realizei aqui é do tipo etnográfica qualitativa e o método o foi o da observação em campo, além da coleta de informações mediante pergunta aos envolvidos. O texto está estruturado em tópicos, de acordo com os preceitos estabelecidos pelas normas de realização de pesquisa do tipo etnográfica.

O estudo aqui proposto chegou à conclusão que na maioria das vezes o discurso não corresponde com a práxis, tendo o professor o papel importante que é trabalhar com o estudante a quebra de tabus e preconceitos, porém muitos nutrem dentro de si ressalvas quanto as temáticas de matriz africana. Ainda há uma forte influência dos conceitos que foram criados ao longo da história que em si foi marcada pela segregação, seletividade e privilégios de uns em relação aos outros, seja no que concerne à cultura, a educação, aos costumes sociais e até a religião.

Também foi observado que é crucial a emancipação da prática docente e só assim poderemos conceber uma educação voltada ao que se propõe. Entendemos que o que vivenciamos em relação ao ensino da história da cultura de matriz africana e das temáticas relacionadas aos costumes e tradições africanas não são suficientes; melhor dizendo, nem temos avançado o mínimo desejado. Os professores realizam um discurso que não se efetiva da pratica por diversos fatores que se apresentam como obstáculos, de forma que o processo de ensino e aprendizagem das temáticas mais diversas da cultura de matriz africana não se realizam de forma satisfatória.

**PRETENDO COM ESTE TRABALHO**

Conhecer como as temáticas de Matriz Africana tem sido trabalhada no Ensino Fundamental (anos iniciais), na cidade de Agrestina/ PE. De forma mais específica, tenho como objetivos:

1. Demostrar as impressões dos professores sobre a temática ‘Matriz Africana’ e o ensino em sala de aula;
2. Analisar a partir da entrevista e as respectivas respostas, como os professores se comportam quando confrontados com a questão do povo negro em relação a educação;
3. Avaliar a partir de minhas observações, como está configurada a questão do ensino da temática Matriz Africana na atualidade*.*

**CONCEPÇÃO DE ENSINO**

Para o senso comum parece que os termos que trazemos neste subtítulo tem respostas obvias e diretas. O que seria o ensino (para o senso comum), se não “passar aquilo que já aprendemos de alguém, já que em relação a quem aprende, somos mais experientes” e o que é aprendizagem, se não “o ato de apreender aquilo que está sendo ensinado”? Porém concebemos que estes questionamentos não são respondidos de forma simplista como parece propor a pergunta...

Prefaciando o livro de Paulo Freire – Pedagogia da Autonomia – a professora Edina Castro de Oliveira[[1]](#footnote-1) traz a seguinte consideração sobre o ato da pratica de ensino:

Como os demais saberes, esta demanda do educador um exercício permanente. É a convivência amorosa com seus alunos e na postura curiosa e aberta que assume e, ao mesmo tempo, provocados a se assumirem enquanto sujeitos sócios-históricos-culturais do ato de conhecer, é que ele pode falar do respeito à dignidade e autonomia do educando. Pressupõe romper com concepções e práticas que negam a compreensão da educação como uma situação gnoseológica. A competência técnico científica e o rigor de que o professor não deve abrir mão no desenvolvimento do seu trabalho, não são incompatíveis com a amorosidade necessária às relações educativas. Essa postura ajuda a construir o ambiente favorável à produção do conhecimento onde o medo do professor e o mito que se cria em torno da sua pessoa vão sendo desvalados. É preciso aprender a ser coerente. De nada adianta o discurso competente se a ação pedagógica é impermeável à mudanças. (FREIRE - 1996, p. 07)

Partindo destas considerações transcrita acima, é notória a preocupação da professora Edina Castro de Oliveira em esclarecer que não é não é uma demanda simples ser educador. Alerta ela também que reque uma verdadeira labuta, pois os estudantes não aprendem por ‘osmose’. Ainda escreve que há uma compatibilidade entre a competência, o rigor exigido a prática docente e o amor pelo trabalho que desempenha. Partindo desta ótica, o exercício da docência requer um caminho a ser trilhado no sentido de estabelecer critérios a fim de embasar a prática que visa educar o outro, sem, portanto, abrir mão da consciência de que a educação não consiste em uma transmissão de conhecimento, mas uma constante de mudanças e novidades que são fatores que precisam ser considerados com verdadeira atenção pelos professores.

Em seu artigo VASCONCELOS (1992) já apontava o quanto a metodologia era carente de ser repensada, quando os professores adotavam os modelos tradicionais, em detrimento de modelos mais moderno que permitissem as inúmeras possibilidades que o ato de educar traz por si só, tendo em vista que o mundo não é um sistema estagnado, mas um verdadeiro constante de mudanças:

Pesquisas pedagógicas demonstram cientificamente aquilo que percebemos pela nossa observação atenta no cotidiano da escola: a situação atual em sala de aula, em grandes linhas, pode ser caracterizada como baseada numa metodologia "tradicional", de cunho academicista, uma vez que "*a pedagogia liberal tradicional é viva e atuante em nossas escolas (...) sendo que esta se aproxima mais do modelo de escola predominante em nossa história educacional*", já que a concepção "escolanovista" representa uma força enquanto ideário pedagógico, mas tem tido muito pouca influência em nível da prática em sala de aula: "*sua aplicação é reduzidíssima, não somente por falta de condições objetivas como também porque se choca com uma prática pedagógica basicamente tradicional*". (p. 01)

Como pudemos observar, o autor aponta para a prática tradicional e nos alerta do perigo que é o engessamento do processo de ensino, da prática de uma didática fechada, sem a possibilidade da ousadia que é a mudança, que nos é posta para que seja enfrentada de forma crítica e coerente e que inevitavelmente acontece em nosso cotidiano.

Na sequência, o mesmo autor propõe a teoria de que “*Uma metodologia dialética poderia ser expressa através de três grandes momentos, que na verdade devem corresponder mais a* ***três grandes dimensões ou preocupações*** *do educador no decorrer do trabalho pedagógico”*, que neste caso consiste na Mobilização para o conhecimento, a Construção do conhecimento e por fim a elaboração da síntese do conhecimento.

Fazendo uma leitura crítica, o autor nos propõe três situações em que o estudante consegue aprender: na primeira o estudante precisa se mostrar interessado, sendo este o principal fator que vai possibilitar que o indivíduo saia do sentimento de inercia intelectual e consiga avançar em relação ao seu primeiro estágio; na segunda situação, o autor aponta para a manipulação propriamente dita do objeto que está sendo estudado, para que a partir do confronto, da interação entre o sujeito e o objeto, aconteça a verdadeira construção do conhecimento e; a terceira situação, mas não a menos importante, consiste no papel que o professor tem em proporcionar que o estudante possa sintetizar o que vivenciou a partir de sua exposição dos fatos, de acordo com o que aprendeu com as experiências.

**AS TEMÁTICAS DE MATRIZ AFRICANA**

Muito do que é a luta dos afrodescendentes em nosso país nós conhecemos. A começar da tardia “liberação” dos escravizados, que aconteceu depois que todas as nações do mundo terem realizado este ato, retirando da situação de não humano milhares de pessoas. Obviamente, os problemas não foram solucionados pelo simples fato da legalização das pessoas escravizadas e da “liberdade” concedida aos escravizados e a segregação continuou (e continua) com a frequente manifestação de subalternidade natural em que os afrodescendentes são relegados, seja nas novelas, nos empregos, nos setores da justiça, nos ambientes intelectuais que tradicionalmente foram ocupados por famílias tradicionais, como na medicina por exemplo e no cotidiano comum a todas as pessoas, tendo inclusive apoio de outros afrodescendentes que erroneamente aceitam e acatam como natural a estratificação social imposta cruelmente por sistemas perversos na história.

Nosso multiculturalismo representado pela grande quantidade de expressões étnicas, nos torna uma nação singular no mundo, com variações de cultura de norte a sul do país. Apesar desta grande variedade cultural, temos pouco com que se orgulhar quando observamos como as mais variadas culturas são tratadas, principalmente pelas culturas que são apresentadas como mais elevadas e desenvolvidas do que as outras. A exemplo disto temos os ciganos, que são pouco reconhecidos em suas especificidades, os indígenas que não tem direitos assegurados a não ser por força de lei e que estas mesmas leis são frequentemente desrespeitadas; e os afrodescendentes que colecionam um verdadeiro histórico de negação e preconceito cultural, religioso, racial. Logo na introdução de seu trabalho, MORENO (2014) apresenta-nos um quadro panorâmico do que é esta miscigenação e mistura cultural:

Os diversos sujeitos sociais conduzem suas experiências por representações – atribuídas, autoatribuídas e compartilhadas – a respeito de quem são e de quem podem ou desejam ser. Essencialmente conflitiva, envolvendo interação social, afetos, autoestima e jogos de poder, a *identidade* é uma categoria social discursivamente construída, expressa e percebida por diferentes linguagens: escritas, corporais, gestuais, imagéticas, midiáticas. (p. 07)

Conceber-se como sujeito pertencente a sociedade, vai muito além de simplesmente participar desta ou daquela sociedade. Envolve, como nos comunica o autor citado, outras séries de fatores que estão embutidos em nosso mais profundo íntimo. Esta com certeza é a situação do indivíduo que está em sala de aula na condição de ente de comunidades tradicionalmente segregadas. A agressão que sofre alguém por participar de etnias diferentes, seja na manifestação o bullying pelos colegas ou na não prestação de serviço necessário a equiparação dos direitos de quem é diferente, perpassa o superficial e atinge o íntimo, a psique profunda, influenciando em comportamentos que o indivíduo adotará durante toda sua vida. Ademais, não somos únicos nem iguais, principalmente em nosso Brasil multicultural e de extensão continental, onde as mais diferentes concepções se encontram e se reencontram.

Neste sentido, o professor precisa ter compromisso com o discurso que utiliza em sala de aula, no sentido de não corroborar com o discurso de ódio cultural e muitas vezes sistêmicos, mas não só isso, também se faz necessário encampar a luta contra o preconceito e a segregação social, permitindo inclusive que os estudantes percebam estas posturas, como parte do processo formativo do indivíduo.

**IMPORTÂNCIA DO CONTATO COM OUTRAS CULTURAS NOS ANOS INICIAIS**

As crianças em formação, sobretudo nos anos iniciais, estão descobrindo mundos novos. Em qualquer sociedade, a formação, os avanços inerentes a cada etapa da vida, os mais variados ritos de iniciação e passagens, obrigatoriamente passam pela educação, que pode ser tida como ‘formal’ ou ‘não-formal’ a depender de cada perspectiva cultural e social. Podemos citar como exemplo os ritos de passagens nas comunidades indígenas, ou os aniversários de 15 anos onde se considera uma ruptura da fase infantil e o adentrar na fase de juventude das meninas no ocidente do planeta.

Esta formação pode ser concentrada na própria cultura, configurando, portanto, o etnocentrismo, onde o indivíduo desconhece as especificidades do outro e por isso segrega, desvaloriza, desdenha o outro; ou ainda o xenocentrismo[[2]](#footnote-2), que se configura pela preferência da cultura do outro em detrimento da própria cultura. Porém, quando há uma verdadeira guerra contra determinada cultura e esta guerra não se sustenta em nenhuma concepção justificável, mas apenas no desejo desenfreado da exclusão pela exclusão, isto se torna preocupante!

Para desmistificar a tendência que os alunos têm de supervalorizar o que está longe de si e não perceber a riqueza que os cercam, é aconselhável que o professor, enquanto ser formado e inserido no mesmo sistema que o estudante (na maioria das vezes), transcenda seu contexto e traga para a sala de aula novas perspectivas que agucem a possibilidade de interesse do aluno por outras formas de ser, de fazer, de sentir, de conceber o mundo, encontradas em culturas diferentes da sua. Como elencado anteriormente, a intenção de integração entre culturas no Brasil, remete ao I império Brasileiro, com os interesses abolicionistas implícitos naqueles discursos e no contexto de quem pensava em homogeneidade social. Aos estudantes das séries iniciais não é bom ser negado a informação que a cultura afro Brasileira é parte expressiva da formação de nossa nação e trata-se de uma cultura rica, importante, muito mais antiga que a cultura europeia que nos foi imposta e plenamente capaz de nos surpreender com seus inúmeros aparatos conceituais, artísticos, religiosos, medicinais...

Citando ABRAMOWICZ, RODRIGUES, CRUZ (2011), escreve OLIVEIRA (2017):

Afirmando categoricamente que diversidade e diferença não são *coisas iguais*, nem mesmo próximas e, embora sejam palavras utilizadas sem distinção e, em diversos contextos, elas apontam diferentes noções e concepções de diversidade e, em três linhas:

A primeira trata as diferenças e/ou diversidades como contradições que podem ser apaziguadas, a tolerância seria uma das muitas outras formas de apaziguamento, a repactuação, sem esgarçar o tecido social, sendo sintetizadas pelo multiculturalismo. A segunda vertente, denominada liberal ou neoliberal que usa a palavra diferença ou diversidade como estratégia de ampliação das fronteiras do capital, pela maneira com que comercializa territórios de existência, formas de vida, a partir de uma maquinaria de produção de subjetividades; e por fim, a perspectiva que enfatiza as diferenças como produtoras de diferenças, as quais não podem se apaziguar, já que não se trata de contradições (ABRAMOWICZ; RODRIGUES; CRUZ, 2011, p. 91). (p. 28)

Notamos então que há divergências entre os conceitos que envolvem a temática diversidade e diferença e que os autores se fundamentam em três linhas de raciocínio como foi exposto. Neste contexto, podemos nos perguntar em que nos atinge enquanto educadores conhecer os conceitos, aproximações e distanciamentos dos termos diversidades e diferenças? Respondemos então que, a partir das análises das múltiplas concepções, definiremos que linha de pensamento seremos adeptos e consequentemente como esta opção afetará nossa pratica docente. Adotar a concepção de integrar, incluir, respeitar as variadas formas de ver o mundo, reconhecer publicamente a cultura do outro, certamente influenciará na formação dos indivíduos, sobretudo quando se trata do ensino infantil e nos anos iniciais, quando as concepções estão sendo formadas; impressões e aprendizados que seguem o indivíduo durante toda a vida, mesmo que este não perceba a influência daquela.

Neste sentido, é importante que os estudantes conheçam que a militância do povo de matriz africana sempre esteve presente na história de nossa nação, tanto na época em que os seres humanos que eram escravizados lutavam por ascensão social, como comentamos nos tópicos anteriores, quanto bem depois da abolição da escravatura.

**CAMINHO METODOLÓGICO**

Para este trabalho adotei a metodologia de pesquisa do tipo etnográfica e questionário como procedimento de coleta, onde os sujeitos responderam perguntas sobre a temática de Matriz Africana, com as quais construí o diário de campo.

Entrevistei 3 professoras que atuam nos anos iniciais na escola que aqui denomino de *Escola Margarida*, chamando-as também por nomes de flores com o objetivo de preservar as respectivas identidades sendo: P1 – Acácia; P2 – Orquídea e P3 – Amarílis; usando as respectivas respostas destas professoras ao questionário como fonte de dados para minha discussão conforme descrita nos objetivos gerais e específicos.

Optei pela escolha da realização de pesquisa qualitativa, com o objetivo de conhecer os procedimentos dos professores e baseado no aporte teórico escolhido, formulei minhas considerações. Adotei o procedimento de observação assistemática, como descreve PRODANOV e FREITAS (2013):

(observação assistemática é) a técnica da observação não estruturada ou assistemática, também denominada espontânea, informal, simples, livre, ocasional e acidental, consiste em recolher e registrar os fatos da realidade sem que o pesquisador utilize meios técnicos especiais ou precise fazer perguntas diretas. É mais empregada em estudos exploratórios e não tem planejamento e controle previamente elaborados. (p. 104)

Por se tratar de uma pesquisa em que a observação de comportamentos trata-se de relevante importância, quis que os entes envolvidos ficassem a vontade ao máximo possível a fim de detectar posturas adotadas no cotidiano e compará-las ao aporte teórico selecionado. LÜDKE e ANDRÉ (1986) também aborda o tema da observação como caminho metodológico de destaque na pesquisa educacional:

Tanto quanto a entrevista, a observação ocupa um lugar privilegiado nas novas abordagens de pesquisa educacional. Usada como principal método de investigação ou associada a outras técnicas de coleta, a observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que apresenta uma série de vantagens. (p. 26)

A partir do exposto, fica clara a importância da observação no trabalho de pesquisa etnográfica educacional. A partir dos dados coletados em campo, selecionei os fatos marcantes e relevantes a fim de embasar minhas discussões e desvendar o rumo indicativo de meu pressuposto.

**A ESCOLA PESQUISADA**

A escola onde realizei a pesquisa situa-se na cidade de Agrestina, no agreste pernambucano. Estabelecida no centro da cidade, a escola recebe alunos da comunidade nos três turnos. Como a maioria das escolas públicas em nosso país, a escola que aqui a denominarei de “*Escola Margarida”* enfrenta problemas em várias áreas e tenta superá-los como é possível.

**EXPERIENCIA VIVÊNCIADA**

Conforme tratamos anteriormente, nossos sujeitos de investigação são três professoras da rede pública municipal de ensino, todas elas com alguns anos de experiência como professoras, uma das tais com mais de 20 anos de profissão. É notório na conversa das professoras a seriedade com a qual exerce sua profissão, também compartilhando a concepção de que a educação é fator ímpar de transformação da sociedade e entendem também estarem fazendo um papel diferenciado na vida de todos aqueles que compartilham do ensino e da aprendizagem com elas. Encontram como obstáculos a ineficiência governamental e compartilham de aflições comuns, mas sempre com a resignação peculiar e quem entende que é necessário a contribuição para a sociedade. Os dilemas também se alongam no que diz respeito a frequente cobrança de resultados imediatos, como fruto dos sistemas implantados a nível nacional, que tendem a priorizar a quantidade em detrimento da qualidade. Podemos compartilhar da atenção e afeto empregados diariamente e a vontade de cada uma delas em desempenhar seus respectivos papeis como educadoras da melhor forma que conseguem faze-lo.

Percebemos que tratar de temáticas de matriz africana tais quais cultura, culinária, vestimentas e sobretudo religião, não consiste em tarefa fácil, dado a grande quantidade de tabus que envolvem estes temas, muito do resultado dos séculos de escravização e das visões implantadas pelos que tinham interesses em manter os seres humanos provenientes da África em estado de indignidade humana. Vimos esta dificuldade nas respostas das professoras, que em muitas ocasiões em nossas conversas, parecem que não estão muito confortáveis.

Ao ser questionada sobre ‘O que você conhece da cultura de Matriz Africana?’, uma das professoras, que aqui a chamamos de Acácia, responde:

*- Instrumentos musicais, capoeira, vocabulário...*

Ao analisar a resposta concedida pela professora, notamos que, de acordo com os teóricos que trouxemos, a cultura vai muito além de coisas pontuais tais quais as que foram respondidas acima. Notamos que é muito comum a falta de conhecimento dos costumes africanos, por exemplo, é bem mais acentuada do que a de costumes europeus. Inclusive nosso currículo escolar brasileiro, eurocêntrico como o é, não explora os mais de 5 mil anos de história (rica e complexa) do continente africano e suas mais variadas nações; tendo estes povos como grandes contribuintes da construção de nossa nação, como o foram.

As expressões corporais também nos transmitem muito do que está sendo dito e vai além da escrita ou da dialética. Percebemos isso na professora que aqui a denominamos de Orquídea, quando em suas respostas ao questionário usou expressões monossilábicas como “Não!” ou “Nunca!” (respostas as questões 2 e 5, respectivamente), mas responde quando perguntada ‘Você concorda que é papel do professor instruir sobre cultura de Matriz Africana? Porque?’(questão 6), da seguinte forma:

*- Sim, porque os professores exercem um importante papel no processo de luta contra o preconceito e discriminação racial no Brasil.*

Não basta apenas manter um discurso de que há uma necessidade, mas é necessário ir além do apenas falar, transcender as expectativas do próprio cérebro, fazendo com que saia da zona de conforto e consiga se abrir para novas experiências. Só desta forma a práxis se efetivará além do discurso. São os professores os principais responsáveis em quebrar os valores deturpados que tanto fazem a sociedade sofrer, enquanto não são vencidos; e a sala de aula e a escola consequentemente, são os ambientes ideais para que este processo tenha sucesso.

Os espaços que perseveram em manter a cultura de matriz africana também são fatores chaves para o aprendizado. Na questão 5 interpelamos aos sujeitos de investigação ‘Você já teve contato com cultura de Matriz Africana? Se teve, como foi a experiência?’; e tivemos as três seguintes respostas:

Acácia:

*- Sim, com alguns vizinhos e amigos. Momentos para apreciar atividades típicas da cultura são sempre valorosas.*

Orquídea:

*- Nunca!*

Amarílis:

*- Só quando comi as comidas que vieram da cultura deles, como o acarajé por exemplo.*

Para a mesma pergunta, tivemos respostas singulares. A professora Acácia compartilhou das experiências com amigos e vizinhos, experiências estas que foram vivenciadas como folclóricas, mas que segundo a professora serviram de aprendizagens ‘valorosas’. No caso da professora Orquídea, a resposta foi muito direta, monossilábica e bem direta, como se não fosse muito interessante participar destas experiências. A terceira professora que aqui denominamos de Amarílis, concebe a cultura de matriz africana como a culinária africana, informando que o contato que teve foi com as comidas. Notamos então que, por parte da escola, pouco se ver de interesse em levar os estudantes a ter a experiência de vivenciar esta cultura, em participar efetivamente de manifestações das peculiaridades das temáticas de matriz africana.

Diante do exposto, entendemos que o que vivenciamos em relação ao ensino da história da cultura de matriz africana e das temáticas relacionadas aos costumes e tradições africanas não são suficientes; melhor dizendo, nem temos avançado o mínimo desejado. Os professores realizam um discurso que não se efetiva da pratica por diversos fatores que se apresentam como obstáculos, de forma que o processo de ensino e aprendizagem das temáticas mais diversas da cultura de matriz africana não se realizam de forma satisfatória.

Ainda é bastante forte a influência de tradicionais instituições religiosas, que insistem em manter currículos que desprivilegiam temáticas que tendem a trabalhar a reparação de direitos que tradicionalmente foram negados ao longo dos séculos. É notório a manifestação de racismo e preconceito que tanto empobrece a construção de uma sociedade mais justa, digna e igualitária para todos os que delas desfrutam e, se ainda não desfrutam, tem o direto de desfrutar.

**CONSIDERAÇÕES PARCIAIS**

Diante do exposto, identificamos que é papel crucial da educação fornecer subsídios para que as pessoas que estão participando do processo de ensino e aprendizagem, sejam confrontadas em suas mais variadas impressões, para que possam permitir que “caiam por terra” os mais variados estilos e tipos de tabus, racismos ou preconceitos.

Os professores, por sua vez, necessitam compreender a necessidade de se emanciparem no que concerne a pratica docente emancipada, estando conscientes da laicização da educação, entendendo que esta não pode estar vinculada a nenhuma linha doutrinária religiosa e que estes fatores que prendem os professores a praticas educativas vinculadas a princípios de interesses específicos constituem fatores que causam danos a formação dos estudantes. A emancipação profissional, a construção autônoma de projetos que visem o aprimoramento e aprendizagem dos alunos, o desenvolver destes projetos de forma responsável e construtiva enaltece de forma sadia a profissão docente. A liberdade profissional se constitui fator crucial para o bom desempenho da educação.

Concluímos então que os processos de desenvolvimento do trabalho pedagógico se dar por vias de autonomia, tanto dos professores como dos estudantes e de toda comunidade escolar envolvida nestes processos, no sentido mais amplo possível que estes termos consigam agregar. O modelo que está posto, em pouco contribui para a pratica docente emancipatória, pois em muito privilegia interesses conservadores e pressionam os professores para que algumas práticas que já deveriam terem sido abolidas, continuem a acontecer, pondo em cheque tudo que foi construído até o momento. Nós herdamos heranças não muito agradáveis em relação a garantia de direitos, ao protagonismo tão necessário ao nosso constante crescimento; e se constitui nosso objetivo enquanto componentes desta tão variada sociedade, transcender estes entraves para que possamos ser cada dia mais realizados enquanto seres humanos que somos. Os educadores tem uma árdua tarefa, a de conscientizar as crianças, adolescentes, adultos e até as pessoas da melhor idade[[3]](#footnote-3) sobre a importância de combater diuturnamente os preconceitos que tanto insistem em nos acompanhar, estando eles em qualquer área de nossa vida, sendo o que aflora o racismo um dos mais dolorosos.

**BIBLIOGRAFIA**

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)

JESUS; Samuel de. **O Negro na Educação Brasileira.** Revista Vozes dos Vales da UFVJM: Publicações Acadêmicas – MG – Brasil – Nº 01 – Ano I – 05/2012 Reg.: 120.2.095–2011 – PROEXC/UFVJM

LÜDKE, Menga, ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas** – São Paulo: EPU, 1986.

MENDES, Ana Laura R.; ALVES, Bruna Pereira. **Os Negros e a Educação: Uma Luta Constante.** Revista Pandora Brasil - Edição especial Nº 4 - "Cultura e materialidade escolar" – 2011

MORENO, Jean Carlos. **Revisitando o conceito de identidade nacional**. In: Identidades brasileiras: composições e recomposições / organização Cristina Carneiro Rodrigues, Tania Regina de Luca, Valéria Guimarães. – 1. ed. – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. (Desafios contemporâneos)

OLIVEIRA, Waldete Tristão Farias. **Diversidade étnico-racial no currículo da Educação Infantil: o estudo das práticas educativas de uma EMEI da cidade de São -** Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Didática, Teorias de Ensino e Práticas Escolares) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Orientação Mônica Appezzato Pinazza. São Paulo: s.n., 2017.

PRODANOV, Cleber Cristiano, FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico** – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Metodologia Dialética em Sala de Aula.** In: Revista de Educação AEC. Brasília: abril de 1992 (n. 83).

1. Mestre em Educação pelo PPCF/DEFS Profª do Dpto. de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional. Vitória, novembro de 1996. [↑](#footnote-ref-1)
2. Xenocentrismo é a preferência por produtos, estilos, ou ideias de outras culturas, em vez de sua própria. [↑](#footnote-ref-2)
3. Chama-se “pessoas da melhor idade” aquelas que já estão na condição de idosas, geralmente a partir dos 65 anos de idade. [↑](#footnote-ref-3)